

6

Considerações finais

“[...] tudo está para ser deslindado, mas nada para ser decifrado [...] o espaço da escritura deve ser percorrido, e não penetrado”
Roland Barthes

“En mi cocina literaria ideal vive un guerrero, al que algunas voces (voces sin cuerpo ni sombra) llaman escritor”
Roberto Bolaño

Após analisar as intervenções críticas de Bolaño, é possível confirmar algumas das hipóteses prévias sobre o tema da crítica e os ensaios dos escritores. Claro que suas intervenções possuem um caráter estratégico, ao procurar definir o lugar central que ocuparia sua própria obra no marco de uma tradição literária latino-americana considerada, por esse mesmo discurso, como a *verdadeira* literatura. Essas intervenções, apesar de não configurar um sistema poético coerente e sistemático, contribuem para o desenho de uma certa concepção do literário, com a qual o próprio autor se sente identificado, no seio de uma família de escritores e escritoras que admira e que influenciam de modos diversos sua postura como escritor e sua prática narrativa e poética.

Por outro lado, embora Bolaño coloque em cena de maneira agressiva essa vontade de impor certos cânones e atacar outros, não acredito que exista uma grande inovação em suas apostas canônicas. O cânone proposto por Bolaño coincide, talvez com poucas exceções, com o cânone comumente construído pela crítica acadêmica e outros escritores em torno da literatura latino-americana nos últimos anos. Talvez sua particularidade seja o tom agressivo e sarcástico com o qual desqualifica autores que identifica com a literatura de sucesso mercadológico e com posturas submissas ao poder político, mas não se percebe em suas propostas uma grande renovação ou questionamento do cânone estabelecido e dos estereótipos vigentes. O que existe é uma intenção de identificar-se com certos autores que fazem parte desse cânone

(como Borges, Cortázar, Bioy Casares e Nicanor Parra) e por incorporar seu nome a uma família de escritores contemporâneos que considera valiosos, como Sérgio Pitol, Ricardo Piglia, César Aira, Carmen Boullosa, Rodrigo Rey Rosa e Fernando Vallejo.

Embora Bolaño se afaste da função pedagógica do escritor como construtor de manuais ou difusor de técnicas de escrita – existe apenas um texto seu dedicado a dar conselhos sobre como escrever contos,¹ e, ainda assim, não se trata de um típico manual de instruções, mas de uma enumeração de leituras que um aspirante a escritor deveria seguir para escrever bons contos – sua postura geralmente é a de um juiz do literário, que determina de modo categórico o que é *boa* ou *má* literatura. Se em sua ficção se destaca uma certa ambigüidade e indeterminação que tende a estimular a imaginação dos leitores, em suas intervenções críticas predomina um tom incisivo, que incita à aceitação sem nuances de suas afirmações ou à confrontação e rechaço das mesmas.

Como se depreende da breve análise histórica das intervenções dos escritores latino-americanos, realizada no primeiro capítulo, é possível observar que as características dessas intervenções se modificam em relação ao lugar que ocupa o escritor na sociedade e o papel que assume em determinados contextos históricos. Embora essa problemática precise um maior aprofundamento, que inclua uma análise detalhada do corpus dessas intervenções, uma aproximação preliminar mostra como, por exemplo, as temáticas relativas à configuração de identidades nacionais e regionais e a questões políticas relacionadas com ideários utópicos – questões centrais nos primeiros anos de independência política e os anos 60 e 70, respectivamente – tem cedido lugar, na atualidade, a questões principalmente estéticas, críticas e crítico-ficcionais. A fragmentação das funções do letrado e a progressiva especialização e profissionalização do escritor, assim como transformações profundas no contexto histórico e político latino-americano, contribuem para explicar as mudanças nas temáticas e a forma particular que assumem estas intervenções críticas no presente.

¹ “*Consejos sobre el arte de escribir cuentos*”, publicado originalmente na revista *Quimera*, de Barcelona, em fevereiro de 1998, com o título “*Números*”, e publicado novamente na seleção de *Entre paréntesis* (324-325).

O estudo das intervenções críticas de Bolaño me permitiu, ademais, compreender com maior detalhe sua concepção do literário, seus critérios de valorização estética, e sua idéia central da literatura entendida como um ofício perigoso. Minha hipótese, desenvolvida principalmente no quarto capítulo, consistiu em usar esta última idéia como uma forma de aproximação a sua própria obra ficcional. Como mencionei na introdução: é possível ver a crítica do escritor como espelho secreto de sua obra.

No entanto, acredito que não existe *uma* chave, ou somente *um* fundamento que permita explicar ou compreender a obra de Bolaño (ou a obra de qualquer outro escritor). Quando comecei a fazer anotações para a tese, a partir da leitura das obras de Bolaño, fui identificando vários traços centrais que apareciam: o tema do mal e a violência; a questão da crítica ficcional e a literatura sobre a própria literatura; o tema do exílio e da viagem; a chave policial como estratégia narrativa; a revisão da História recente latino-americana (especialmente das ditaduras do Cone Sul) e a violência urbana contemporânea. O título que inicialmente imaginei para a tese foi *As pistas de Bolaño*. Em princípio queria analisar cada um desses traços usando o formato de um romance policial e algumas estratégias de crítica ficcional que o mesmo Bolaño utilizava. Isto foi aparecendo como uma tarefa impossível – que refletia essa vontade de totalidade que com frequência nos seduz quando começamos uma tese – razão pela qual decidi escolher um recorte preciso para a pesquisa.

Creio que existem várias chaves de leitura e vários modos de compreender e de se aproximar à obra de Bolaño, dependendo de nosso lugar de enunciação, de nossos preconceitos, afinidades ideológicas e afetos. Modos, por sua vez, que irão se transformando com o tempo, quando um novo contexto de recepção mude as formas em que lemos e interpretamos os textos, assim como as referências literárias, acadêmicas e teóricas que usamos, que escolhemos e que se nos impõem em nossos modos particulares de leitura.

Se minha hipótese de saída era utilizar suas intervenções críticas como uma forma de me aproximar do estudo de sua obra ficcional, acredito ter demonstrado que isso não somente é possível, mas pode ser um modo produtivo de encarar a análise de um autor ou de uma obra específica. Foi a partir da leitura detalhada de suas

intervenções críticas que percebi como a idéia da literatura como um ofício perigoso estava na base de grande parte de sua obra e de sua proposta literária. Inclusive, invertendo um pouco a fórmula, posso ver também sua própria obra crítica como uma encenação desta ideia, e entender suas intervenções como uma espécie de combate do escritor contra outros escritores e críticos. A própria crítica seria, para Bolaño, um ofício perigoso, no sentido de se expor e de por em jogo suas idéias e afetos de modo radical e polêmico.

Assim, metáfora do literário e da escrita e construção de seu próprio mito de escritor confluem através da imagem do poeta guerreiro (Bolaño começou como poeta e nunca deixou de ver-se como tal), como um ser que desafia os deuses e os poderes estabelecidos – um rebelde. Tanto em sua obra, através de seus personagens ficcionais, como em suas intervenções críticas, através de seus critérios de valorização do literário, como na figura de escritor que Bolaño elabora de si mesmo, evidencia-se esse desejo, essa valorização excessiva e mistificadora da figura do poeta outsider, guerreiro, à intempérie e marginal.

Uma questão que pode estar relacionada com sua própria experiência pessoal de militância política (uma experiência breve, mas sem dúvida muito intensa) e que, ao mesmo tempo, re-atualiza a antiga questão das armas e as letras freqüente na tradição latino-americana (no Inca Garcilaso, Ercilla ou Martí, por exemplo). Bolaño torna explícita essa tensão em seu *Discurso de Caracas*, quando relembra as páginas do *Quixote* em que se discutem os méritos da milícia e da poesia. E, como Cervantes, Bolaño se inclina pela milícia (ou pela militância, segundo suas palavras) colocando em evidência a nostalgia pelos anos de juventude combativa. “En gran medida”, afirma Bolaño em seu discurso,

[...] todo lo que he escrito es una carta de amor o de despedida a mi propia generación, los que nacimos en la década del cincuenta y los que escogimos en un momento dado el ejercicio de la milicia, en este caso sería más correcto decir la militancia, y entregamos lo poco que teníamos, lo mucho que teníamos, que era nuestra juventud, a una causa que creímos la más generosa de las causas del mundo y que en cierta forma lo era, pero que en realidad no lo era (EP, 37).

A época da juventude combativa e militante, e sua projeção posterior na imagem do poeta como um guerreiro solitário em luta contra o mundo, são mitificadas na obra de Bolaño. Como vimos anteriormente, nessa postura central também pode estar sua grande fraqueza, pois a impugnação que se propõe do poder e do estatuto do literário não consegue ultrapassar os limites impostos pela mitificação da juventude e o ideal e valor superior de uma *verdadeira literatura*, aquela que realiza o poeta guerreiro, isto é, a própria figura que o escritor desenha de si mesmo como um sujeito excepcional. Nesse sentido, embora Bolaño afirme com insistência que questiona a instituição da literatura, poucas vezes na verdade duvida do valor superior e a centralidade da *alta literatura*, que permanece mitificada através da figura estereotipada do poeta como um valoroso guerreiro enfrentando forças escuras.

A análise de suas intervenções críticas me permitiu reconstruir esse mito de escritor que Bolaño fabricou ao longo de sua vida, assim como identificar leituras e autores que marcaram de maneira definitiva sua prática artística e vital, diversas influências que confluem em sua obra e que lhe outorgam um caráter específico e múltiplo, mistura de várias tradições: *beatnik*, vanguardista, de aventuras, policial, de ficção científica e metaliterária.

A análise de suas intervenções e da figura do escritor que nelas se desenha reafirma esse caráter extra-territorial que tem sido mencionado (Echavarría, 2007) como aspecto central na obra de Bolaño. A construção de sua figura como escritor *latino-americano*, a apropriação de várias influências e tradições, além de uma estrita genealogia nacional, aparece também de modo evidente em suas intervenções e reflete o caráter de sua proposta literária.

Uma característica que pode tornar sua obra muito atrativa para um leitor contemporâneo influenciado pelo discurso da globalização, a desterritorialização, as fronteiras difusas, o aparente enfraquecimento das identidades nacionais etc.; além das críticas que podem ser feitas a este mesmo discurso e a suas formas e conseqüências, sobretudo do ponto de vista periférico latino-americano.

Por outro lado, a análise do *corpus* selecionado me levou por dois caminhos diferentes: um, já mencionado, a possível leitura da obra e a figura de Bolaño como a realização de sua idéia da literatura entendida como um ofício perigoso. Outro

relacionado com a localização de sua obra em uma tradição metaliterária e de mistura de gêneros, comum a vários escritores contemporâneos, embora com algumas diferenças específicas que procurei apresentar no capítulo dedicado à crítica ficcional.

O estudo das características de suas intervenções críticas se vincula ao tema da crítica ficcional e, em geral, permite ver sua obra como um espaço em que crítica e ficção se comunicam de modo permanente. Esta característica particular da escrita bolaniana dificulta separar de maneira clara uma instância diferencial do discurso entre sua ficção e algumas de suas intervenções críticas, que acabam se situando em uma fronteira difusa na qual a crítica e a criação parecem produzir-se de forma simultânea. No entanto, existem também intervenções em que é mais fácil identificar essa separação, e onde aparece de forma mais direta o discurso subjetivo do autor. Geralmente essas intervenções tomam a forma de recordações de leituras e procuram certas razões ou motivações de sua prática de escrita e de sua história pessoal como escritor.

A este respeito, me parece fundamental considerar Bolaño na perspectiva do escritor como leitor, como mencionava Piglia, um leitor crítico que nunca deixou de se confrontar, através de sua própria prática de escrita, com os escritores que admirava e que detestava. Um confronto que se dá em suas intervenções e no interior de seus textos ficcionais, assim como naqueles que se situam na fronteira entre crítica, ficção e autobiografia.

Como busquei demonstrar nestas páginas, as leituras críticas de Bolaño sobre outros escritores oferecem pistas sobre o que ele buscava em sua própria obra. Seus comentários elogiosos sobre o tipo de escrita presente em livros como *Bartleby & Co.* de Vila-Matas ou *Soldados de Salamina* de Javier Cercas, apontam para a valorização de uma escrita híbrida, uma mistura de gêneros (crônica, relato, diário), um tipo de textos em que o próprio escritor aparece mediante uma dramatização de si mesmo, embora deixando marcas evidentes de sua biografia. Enfim, para um tipo de enunciação discursiva na qual não existem claras diferenças entre crítica e ficção, ou entre realidade e ficção.

Em relação a este ponto, no entanto, parece-me que existem algumas linhas de análise que merecem maior profundidade. Por um lado, e ainda que alguns aspectos

centrais tenham sido mencionados em minha análise, seria interessante tentar uma maior sistematização do pensamento teórico sobre a literatura que Bolaño expõe em suas intervenções e através de seus personagens ficcionais. Mesmo não sendo tarefa simples, devido à grande quantidade de material que teria que ser analisado e suas características heterogêneas, serviria para organizar as idéias e sugestões teóricas e críticas de um dos autores contemporâneos que, talvez, mais possa estar influenciando as práticas de escrita e os caminhos das novas gerações de escritores na América Latina.

Por outro lado, acredito ser necessário fazer um estudo comparativo mais detalhado para identificar as rupturas e continuidades da obra de Bolaño e de outros autores contemporâneos com uma tradição híbrida e de registro de *realidade-ficção* que já se percebe desde os próprios inícios da tradição literária moderna ocidental (incluída a tradição latino-americana). Valeria à pena deter-se um pouco mais na historicização desses gêneros híbridos, comparando de maneira detalhada a obra de vários escritores em diversos momentos da História literária da América Latina, com o objetivo de identificar as possíveis diferenças e as semelhanças com os textos atuais.

Seria interessante comparar os textos crítico-ficcionais de Bolaño com os de outros autores contemporâneos com os quais busquei estabelecer associações: como os de Ricardo Piglia, Sergio Pitlor, Fernando Vallejo, Silviano Santiago, Enrique Vila-Matas ou W. G. Sebald. Uma leitura detalhada de algumas de suas obras permitiria observar quais são, realmente, seus pontos em comum e os aspectos específicos de cada um deles. Seria chave aprofundar na análise comparativa da tradição metaliterária latino-americana com a de outras latitudes com o objetivo de revisar se existem ou não particularidades que as diferenciem e se os contextos históricos específicos influenciam nas configurações desse tipo de prática textual.

Embora eu tenha procurado uma aproximação ao tema da literatura ou escrita híbrida, especialmente no terceiro capítulo da presente tese, creio que o tema ainda necessite de maior pesquisa e análise. Existiria alguma especificidade nesses novos textos híbridos, ou sua relevância obedece a certas características associadas aos contextos de recepção atuais? Para Ignacio Echavarría (2007, 48), por exemplo,

textos como os de Bolaño responderiam formalmente à indeterminação genérica com a qual a realidade reclama ser tratada na atualidade. Esta é uma idéia que gera perguntas para serem desenvolvidas em futuras pesquisas. Especialmente porque considero este tipo de textos híbridos como os mais interessantes entre as propostas literárias recentes.

Por outro lado, o tema dos riscos éticos da literatura e da escrita é uma questão que tenho identificado como uma pista central de aproximação à obra de Bolaño, e aparece como fio condutor em grande parte da tese. A esse respeito, no entanto, creio ser necessário considerar que se trata de tema extenso e complexo, que ultrapassa as possibilidades de análise deste ensaio. Trata-se de um campo amplo de questões que por si só mereceriam uma tese exclusiva. O material bibliográfico a esse respeito é numeroso e variado e toca em aspectos bastante problemáticos, como sejam as relações entre bem e beleza (tema de debate permanente nas diversas correntes filosóficas ocidentais, desde os gregos), as relações entre estética e política, a responsabilidade do escritor, as relações entre vanguarda artística e fascismo e questões essenciais que rodeiam e motivam o ato criativo.

A partir o campo dos estudos literários contemporâneos é possível identificar uma linha específica de pesquisa e pensamento preocupada em vincular a ética e a literatura.² É um tema, em todo caso, que não possui respostas definitivas e que permanece aberto ao debate. A partir do material específico analisado, procurei contribuir para sua delimitação e compreensão para o caso específico de Bolaño. Mas não é possível esgotar um tema que segue configurando um campo rico de questões, especialmente no contexto contemporâneo, onde os aspectos éticos da literatura e da escrita adquirem especial interesse em um momento de aparente relativismo.

Neste sentido, uma linha de análise interessante de continuar consistiria em rastrear em diários, correspondências e nas ficções de escritores e escritoras latino-americanos as formas como se coloca a questão dos riscos éticos da literatura. Identificar de modo mais específico e detalhado o contexto de surgimento dessa questão na História da literatura latino-americana, suas características e suas

² Ver, entre outros: Miller (1987, 1990), Harpham (1992), Booth (2005), González (2001), Buell (1999), Eaglestone (1997), Newton (1995), Parker (1994).

transformações no tempo. Por outro lado, valeria à pena pensar: qual é a percepção dos escritores atuais a esse respeito? É possível identificar em outros escritores contemporâneos essa mesma sensação de risco do ofício de escrever, como aparece na obra de Bolaño? Em que direção apontariam esses riscos, no panorama atual? Qual seria hoje uma ética possível da escrita e da literatura?

Essa inquietação que geram os livros de Bolaño ao problematizar as relações entre a beleza da criação artística e literária e o mal e a perversão é, talvez, um dos aspectos mais interessantes de sua obra e um tema relativamente pouco explorado pela tradição literária latino-americana. É também um tema que parece renascer no atual panorama literário e cultural onde, como afirma Beatriz Resende, observa-se “[...] el rechazo de cierta *moralidad* que algunos de los contemporáneos reconocen como presente en los grandes modernos, prefiriendo un retorno a los desabuses propios de los primeros vanguardistas” (Resende, 2005, 11-12).

Aspecto que é possível encontrar em narrativas anti-nacionais de autores latino-americanos, como as de Fernando Vallejo, Horacio Castellanos Moya e Diogo Mainardi; em certa postura contra o politicamente correto de autores jovens, como Efraím Medina, na Colômbia, ou Andre Sant’Anna, no Brasil; assim como por certa preferência em obras literárias recentes pelos usos estéticos do mal e o crime, como *La literatura nazi en América*, *Estrella distante* ou *2666*.

Aprofundar na análise desta problemática na ficção bolaniana e em suas relações com o contexto contemporâneo me parece um dos caminhos mais interessantes a seguir, numa leitura da obra de Bolaño que apenas começa...